

Ideias para adiar o fim do mundo

AILTON KRENAK

São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 46p.

140

Raíssa Resende de Moraes¹

Um dos mais expressivos pensadores indígenas da atualidade, Ailton Krenak ficou conhecido pelo seu inesquecível discurso na Assembleia Constituinte de 1987, no qual pintou seu rosto com tinta de jenipapo, como forma de demonstrar seu luto pelo retrocesso vivido nos direitos dos povos indígenas. Seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo” se divide em três partes, as quais consistem de duas palestras realizadas em Lisboa, nos anos 2017 e 2019 e a adaptação de uma entrevista realizada em Lisboa, em 2017. O pano de fundo é a discussão sobre a capacidade da humanidade de autodestruição, em vista da exaustão pela exploração excessiva da natureza. O modo de vida dos povos originários é visto como uma alternativa a essa lógica de exploração.

Uma das colocações centrais que perpassa toda a obra concerne na dualidade entre a certeza da “ideia de humanidade” versus o questionamento “somos mesmo uma humanidade?”. Para o autor, a ideia de humanidade foi, e continua sendo, um pretexto utilizado para a justificativa

¹ Doutoranda em Ambiente e Sociedade (NEPAM/UNICAMP) e doutoranda externa na Faculdade de Ciências Sociais da Vrije Universiteit Amsterdam. raissaresendedemoraes@gmail.com



do uso da violência em diversos momentos históricos. A principal justificativa do processo civilizatório seria trazer luz à “humanidade obscurecida”, por meio do encontro e trocas com a “humanidade esclarecida”, civilizada. Já na modernidade, a alegoria de um “liquidificador chamado humanidade” é utilizada para tratar do êxodo rural dos camponeses e habitantes da floresta para as periferias das cidades, para servirem de mão de obra, sendo apartadas de suas identidades, em nome do processo civilizatório continuado.

A convicção do pertencimento a uma humanidade civilizada é tratada como a porta de entrada para o segundo binômio principal elencado no texto, a dualidade entre a Terra e a humanidade, ou seja, a alienação entre humano e natureza. Os resultados da atuação deste binômio seriam a perda do sentimento de pertencimento e um distanciamento do lugar de origem, bem como do vínculo com a identidade ancestral. Um antídoto para este estado de apartação e alienação é dado pelo autor, e expresso na visão holística trazida comumente na cosmovisão de muitos povos indígenas de que “Tudo é natureza. O cosmos é natureza”.

O terceiro binômio apontado no texto surge do descolamento entre a dita “humanidade homogênea”, na qual o consumo tomou o lugar da cidadania, de uma “sub-humanidade”, que consiste de grupos que estão à margem da sociedade de consumo, e que possuem uma ligação orgânica e quase visceral com a Terra. Essa “sub-humanidade” consiste de grupos indígenas, quilombolas, caiçaras e aborígenes, cuja organicidade incomoda às grandes corporações. Para o autor, o descolamento entre homem e natureza suprime os formatos diversos assumidos por essa “sub-



humanidade”, negando a pluralidade de culturas e modos de vida divergentes da cultura da homogeneidade.

Ao longo do texto, o autor trata, de forma crítica, de termos caros ao vocabulário científico, como o que ele chama de “mito da sustentabilidade”, arguindo ser a sustentabilidade uma narrativa travada pelas corporações, para justificar as suas agressões à natureza; a forma como é cunhado pelos economistas o termo ‘recursos naturais’, que não consegue promover a extensão da relação íntima existente, por exemplo, entre o povo Krenak e o Rio Doce, o qual é chamado *Wantu*, ou avô; e o Antropoceno, caracterizado por um “apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade”.

Para o autor, o “fim do mundo” não é uma preocupação exclusiva do Antropoceno, nem da dita ‘sociedade civilizada’. Existem diversos “fins do mundo” possíveis, e estes podem assumir tantos significados quantos se puderem atribuir. Para muitos dos povos que sofreram o processo civilizatório, e cujos mundos subitamente desapareceram, o “fim do mundo” foi encontrado séculos atrás; sinais de “fim do mundo” podem ser visualizados na Guerra Fria, na segregação do ser humano e no iminente ‘apertado do gatilho’; ou simplesmente, na “breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder”.

A capacidade de adiar o “fim do mundo” estaria, enfim, ligada à resiliência, à qualidade de não desistir. Tal característica espelha a luta dos nossos povos originários que resistem e insistem em adiar o fim de seu mundo, da sua cultura e da sua organização social. Nas palavras do autor, “o tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios



sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim”.

O livro de Ailton Krenak pode contribuir com as discussões acadêmicas em vários campos da Ciência, especialmente no âmbito da Antropologia, da Sustentabilidade, Economia Política, dentre outros. O texto também é relevante para o amplo espectro de movimentos sociais que abordam, de maneira crítica, o modo de produção vigente, principalmente àqueles ligados à temática indígena e ambiental. O grito de Ailton Krenak se junta ao de tantas outras lideranças indígenas, bem como ao de ambientalistas, militantes, cientistas e pessoas comuns, que lutam para que o dito “fim do mundo” não seja vivenciado na prática, se limitando apenas ao campo da retórica.

Recebido em 15 abr. 2020 | aceite em 20 abr. 2020

